

**ABRACADABRA**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES  
COMUNICAM AOS ALIADOS**

**da cena**

**PODEM  
RESPONDER À**

**PANDEMIA**

**CAOS  
POLÍTICO**

**NO  
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,  
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS  
ARTES DA  
CENA PODEM  
RESPONDER  
À PANDEMIA E  
AO CAOS  
POLÍTICO NO  
BRASIL?**

Organizadores:  
Ana Terra  
Matteo Bonfitto  
Silvia Geraldi  
Renato Ferracini



**ABRACE**

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

## **Diretoria ABRACE**

### **Gestão - 2019-2020... e pandemia**

#### **PRESIDENTE**

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

#### **1ª SECRETÁRIA**

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

#### **2ª SECRETÁRIA**

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

#### **TESOUREIRA**

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

#### **COMISSÃO EDITORIAL**

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)

Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)

Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

#### **CONSELHO FISCAL**

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)

Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)

Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

#### **SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL**

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)

Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)

Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

#### **EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL**

Arthur Amaral

#### **EDIÇÃO**

ABRACE

#### **CO-EDIÇÃO**

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

# COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.  
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

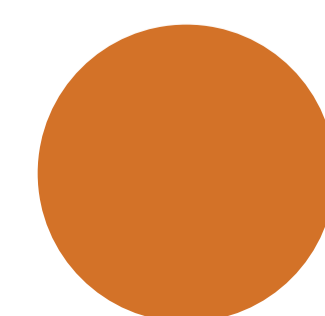
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



# COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

## Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

**Comissão Editorial Abrace**  
**Gestão 19/20/21**

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

# SUMÁRIO

## capítulo 1

### Cena, resistência e experimentações digitais

#### *DOSSIÊ DO DESCURSO*

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,  
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira \_\_\_\_\_ 15

#### *CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE*

André Carrico \_\_\_\_\_ 95

#### *ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ*

Sócrates Fusinato \_\_\_\_\_ 99

#### *POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva \_\_\_\_\_ 117

#### *TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?*

Maíra Castilhos Coelho \_\_\_\_\_ 144

#### *O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA*

Mônica Melo \_\_\_\_\_ 172

#### *VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS*

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães \_\_\_\_\_ 198

#### *QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS*

Priscila Rosa \_\_\_\_\_ 216

#### *O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.*

Daniele Pimenta \_\_\_\_\_ 224

#### *VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA*

Charles Feitosa (UNIRIO) \_\_\_\_\_ 240

#### *MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE*

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni \_\_\_\_\_ 253



<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

## capítulo 2

### Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA  
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira \_\_\_\_\_ 599

*ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS*

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini \_\_\_\_\_ 638

*“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020*

Alba Pedreira Vieira \_\_\_\_\_ 666

*DANÇA NA PANDEMIA*

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães \_\_\_\_\_ 696

**capítulo 3****Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. \_\_\_\_\_ 712

*CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO*

Andre Luiz Rodrigues Ferreira \_\_\_\_\_ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:  
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes \_\_\_\_\_ 757

*BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS*

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins \_\_\_\_\_ 793

*PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA*

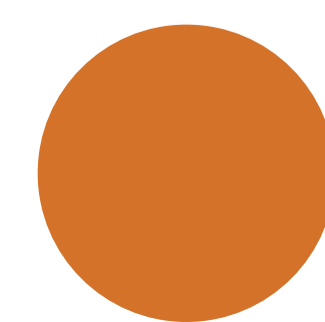
Estela Vale Villegas \_\_\_\_\_ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA  
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad \_\_\_\_\_ 856

**capítulo 4****Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman \_\_\_\_\_ 887



*COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO*  
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,  
Tania Alice \_\_\_\_\_ 908

## capítulo 5

### Ações performativas em isolamento

*SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS*  
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira \_\_\_\_\_ 935

*MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI*  
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas \_\_\_\_\_ 940

*QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO*  
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,  
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,  
Jefferson Fernandes \_\_\_\_\_ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA  
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*  
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva \_\_\_\_\_ 962

*TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.*  
Stefanie Liz Polidoro \_\_\_\_\_ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA  
NO ISOLAMENTO SOCIAL*  
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez \_\_\_\_\_ 989

*CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA*  
Carla Vendramin \_\_\_\_\_ 1004

*DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA*  
Danielle Martins de Farias \_\_\_\_\_ 1033

*RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS*  
Silvia Balestreri \_\_\_\_\_ 1037

*UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA*  
Domenico Ban Jr. \_\_\_\_\_ 1044

*VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO*  
Patrícia Souza de Almeida \_\_\_\_\_ 1049

## capítulo 6

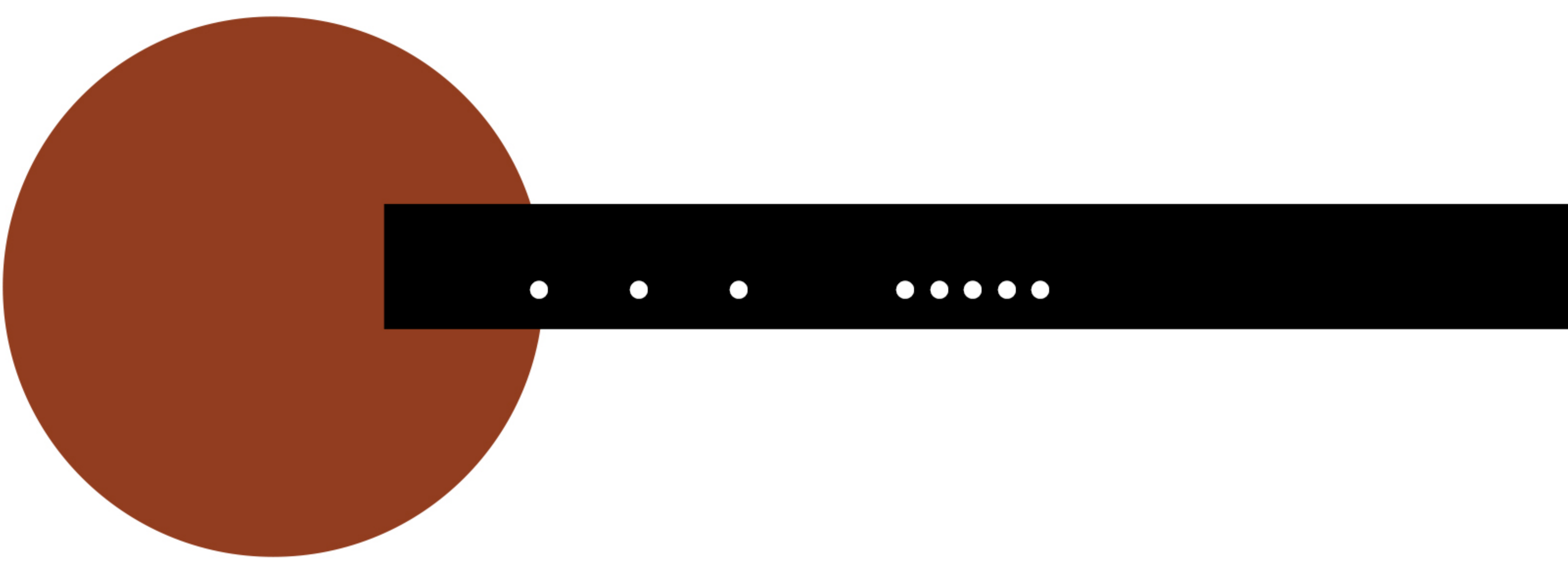
### Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*  
Rafaela Blanch Pires \_\_\_\_\_ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*  
Marcilio de Souza Vieira \_\_\_\_\_ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*  
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira \_\_\_\_\_ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*  
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva \_\_\_\_\_ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*  
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar \_\_\_\_\_ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*  
João Vítor Ferreira Nunes \_\_\_\_\_ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*  
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos \_\_\_\_\_ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*  
Janaína Maria Machado (UFBA) \_\_\_\_\_ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*  
Nanci de Freitas \_\_\_\_\_ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*  
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá \_\_\_\_\_ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*  
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,  
Tânia Guerra de Souza \_\_\_\_\_ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



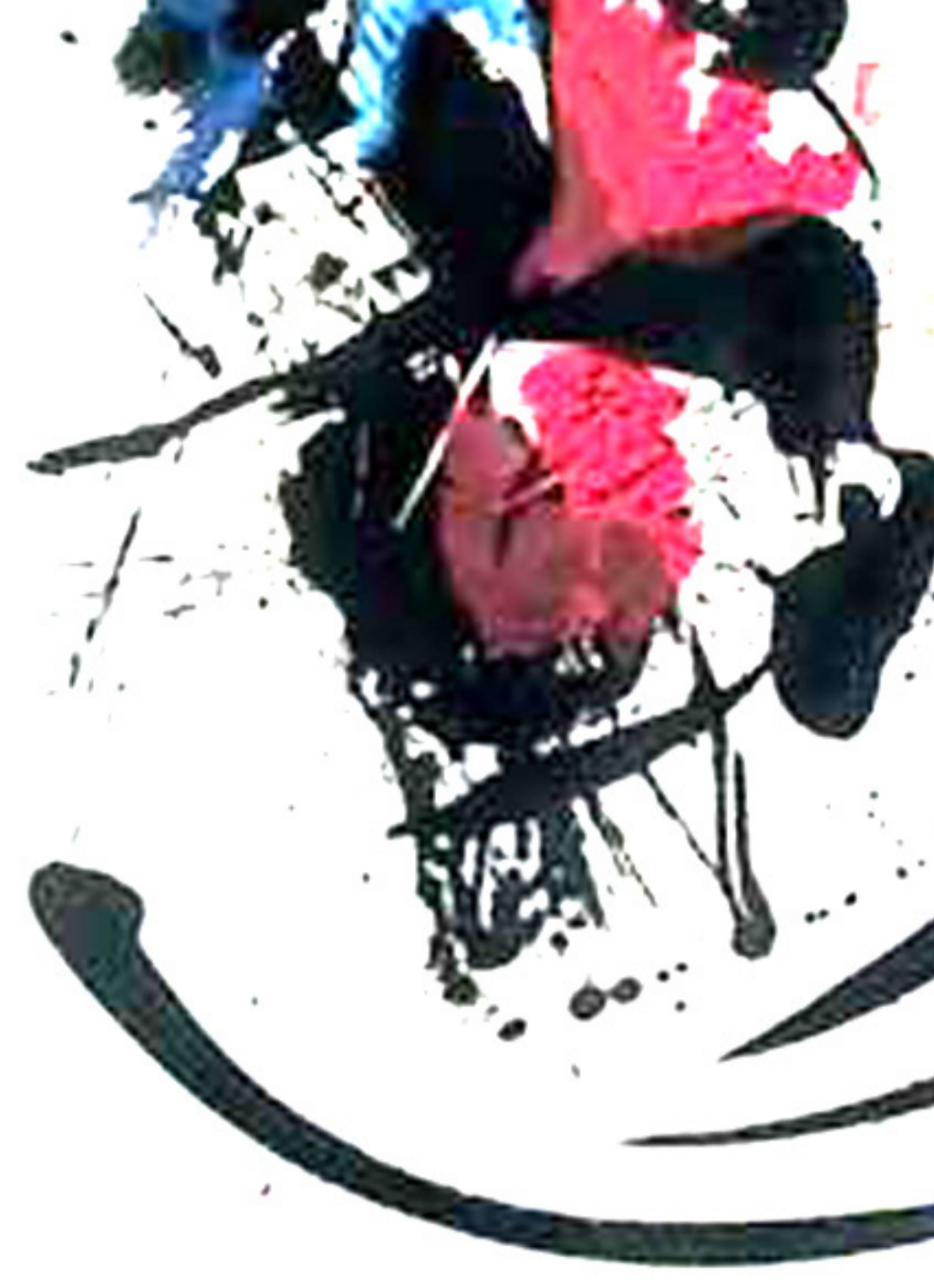
**CAPÍTULO 2**  
**e o** **CORPO,**  
**ARTES DA CENA**  
**E EPISTEME**



.....

# “BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

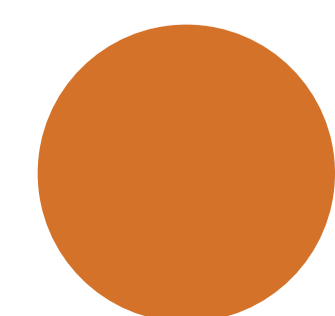
Alba Pedreira Vieira (UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE VIÇOSA/UFV)<sup>1</sup>



## \_\_RESUMO

Descrevo um recorte das experiências artísticas vividas nessa pandemia. Procedimentos metodológicos para coleta de dados incluem a busca e seleção de trabalhos realizados durante o período de isolamento social no Brasil. Essas obras estão postadas nos acervos ou plataformas virtuais da Mosaico Cia de Dança. Diário de bordo artístico, e escrita e reescrita narrativa e autobiográfica desse texto são ferramentas para ampliar possibilidades de reflexões em progresso. A metodologia híbrida abraça princípios da Prática como Pesquisa e da Autoetnografia. Reflexões se amparam em perguntas e reticências de quem se encontra

<sup>1</sup> Professora associada e uma das fundadoras dos Cursos de Dança da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Ph.D. em Dança pela Temple University (EUA, 2007). Fundadora, diretora e dançarina da Mosaico Cia de Dança Contemporânea desde 2009. Apresentou diversos trabalhos artísticos e acadêmicos no Brasil e no exterior. Coordenadora do Grupo de Trabalhos Processos de Criação e Expressão Cênica da ABRACE, e do Fórum de Editores de Revistas de Artes Cênicas.



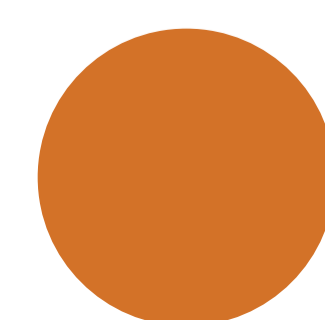
na potência da busca por aprofundar o estado de atenção e cuidado consigo e com demais seres.

## \_\_PALAVRAS CHAVE

Pandemia, Videodança, Prática como Pesquisa, Autoetnografia, Corpo Experienciado.

## \_\_ABSTRACT

I describe a snapshot of artistic experiences performed during the pandemic. Methodological procedures for data collection include the search for and selection of works carried out during the time of social isolation in Brazil. These works are posted in the collections or virtual platforms of Mosaico Cia of Dance. Tools to expand the possibilities for in progress reflections include artistic logbook and narrative and autobiographical writing. The hybrid methodology embraces principles of Practice as Research and Self-ethnography. Results and reflections are amplified by the questions and reticence of those who are in the quest for deepening the state of attention and care for ourselves and other beings.





## \_\_KEYWORDS

Pandemia, Screendance, Practice as Research, Autoethnography, Lived Body.

### **Pandemia 1**

Como inúmeras outras pessoas, busquei reler o filósofo e escritor argelino Albert Camus logo no início da pandemia. Suas reflexões, em particular as contidas em *A peste* (2017) e *O Estado de Sítio* (2002) parecem profecias dos dias atuais: A grandeza da vida nos coloca em estados de reflexão sensível, a partir do espanto e do vazio para poder haver o encontro com outros seres. Finitude. Passamos à plena consciência que somos mortais, inesperadamente. O espanto me/nos invadiu em meados de março desse ano. Como co-existir atenta ao cuidado de si e de outres no ambiente global contaminado pelas mortes e doenças da peste (COVID 19) de 2020? O vazio da falta resposta me deixou inicialmente atordoada.

Dançarina, performer, mulher, brasileira. Já tenho desenvolvido obras de videodança há mais de dez anos.<sup>2</sup> Trabalhos que eram, antes da quarentena, geralmente feitos

<sup>2</sup> Vide alguns trabalhos anteriores de videodança em [instagram.com/dancamosaico](https://www.instagram.com/dancamosaico), [bit.ly/youtubeMosaico](https://bit.ly/youtubeMosaico), [facebook.com/dancamosaico](https://www.facebook.com/dancamosaico), <https://www.facebook.com/educacaoemartes.ufv>, <https://dancamosaico.wordpress.com/>.

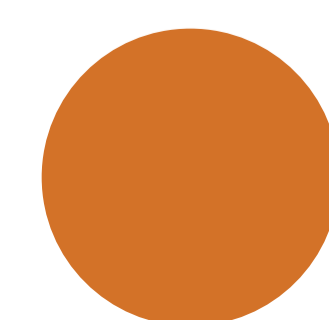
a partir de intensas relações presenciais com outros seres (natureza, animais, humanos). Como continuar ‘dançando essas conexões’ se a responsabilidade pessoal e social demandava isolamento? Como dançar com quem, para estar seguros da contaminação, lhes era essencial estar em confinamento (como idosos, por exemplo)? Como dançar com pessoas que não podiam, por motivos diversos tais como tipo trabalho, estar confinadas em casa? Como dançar com quem tinha o privilégio, como eu, de poder estar em casa?

Essas perguntas, além de várias outras, marcaram o estado de surpresa que registrei em meu diário artístico em meados de março de 2020, quando se iniciou o período de isolamento social aonde resido, Viçosa/MG. Cidade tipicamente universitária, ‘aqui’<sup>3</sup> passo grande parte do meu tempo sendo artista, pesquisadora e docente na Universidade Federal de Viçosa/UFV. Estava acostumada, até então, a pelo menos três encontros semanais presenciais com membros da Mosaico Cia de Dança Contemporânea, que dirijo, para criarmos guiades por princípios coletivos e colaborativos. 2020 parecia, a princípio, estar organizado e sistematizado para ser um ano de circulação da obra “Horas Perigosas”, em homenagem aos 100 anos de Clarice Lispector, e que havíamos estreado e iniciado a circulação no ano anterior.

<sup>3</sup> A palavra ‘aqui’ é bastante usada em Viçosa; pode ter o seu significado habitual, neste lugar, mas é também geralmente usada para chamar a atenção sobre algo que se fala.

Repentinamente, a quarentena: “[O]s flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. E, contudo, as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas” (CAMUS, 2017, p. 40). Pegos de ‘calças curtas’, nós da Mosaico nos separamos e partimos para o confinamento. A UFV entrou em tempo e espaço ‘remoto. Primeiro pensamento: somos imensamente privilegiadas. Sim, eu devia e podia ficar em casa. Não sou do grupo de risco (apesar de ser a única em minha família cá em Viçosa), e poderia/deveria trabalhar da minha casa habitação.

Corpo somático se inquietava: vontade de dançar com outres seres era latente e urgente. O dançar, o movimento, estão sempre muito presentes nas minhas atividades diárias. Com a pesquisa na Mosaico, pois todos os trabalhos que realizamos são investigativos e teórico-práticos. Com o ensino, em março ministrei por duas semanas as disciplinas essencialmente práticas Arte do Movimento, Dança e Educação Somática, Composição Coreográfica. Com a extensão, nas quatro aulas semanais do curso para a comunidade viçosense sob minha coordenação, Shivam Yoga e Somática. Vida que se constrói, cotidianamente, pelo movimento corporal entremeado por pausas dinâmicas.

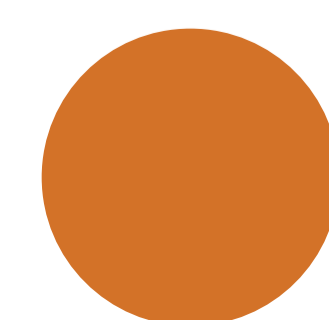


Casa corpo sentia o vazio. Tinha todo tempo e casa habitação privilegiada (espaçosa, ampla área verde) para dançar. Desde sempre dançei com outros seres; água, terra, ar, árvores, pedras, além de humanos. Em um estalar de dados, o estado da perca, da falta, mas também de alerta. Peguei-me tendo pesadelos naquele início da quarentena. Dividida com dúvidas: como, por que, para que continuar dançando com outros seres, ambiente, como me era tão habitual, antes do período de isolamento social? Era-me bastante familiar a possibilidade de aproximar pela dança e performance outros corpos e seres tanto presencialmente como na/pela tela. Mas qual o sentido de dançar nesse momento de angústia e dor?

A artista multimídia e pesquisadora Sarah Ferrera<sup>4</sup>, ao depor sobre cruzamentos entre arte, videodança durante a pandemia de 2020, acredita que estamos vivendo

[...] esse momento tão único, tão específico da nossa história, [...] e vendo a necessidade da arte, do quanto a arte é importante para suportar a realidade, a videodança tomou uma outra resignificação nesse tempo da pandemia. Se em outros momentos ela era uma opção, vamos dizer assim: agora, nesse momento, ela é uma solução. Muitos artistas estão encontrando no vídeo, e nas possibilidades que o vídeo oferece para expressarem suas questões. Isso ampliou a quantidade de produções nesse período de quarentena. O campo da videodança, tem essa potência. (2020, s/p)

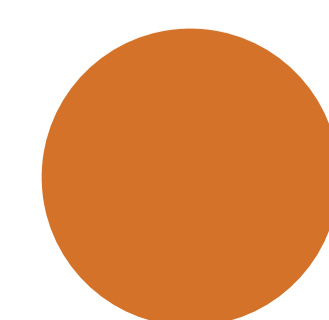
<sup>4</sup> Entrevista virtual via live feita pela primeira autora com Sarah Ferrera em 07/10/2020, disponibilizada no instagram @dancamosaico



Certa estava que, de do meu lugar privilegiado de servidora pública federal em casa, em isolamento social e com salário garantido, qualquer trabalho artístico poderia ser encarado como “dancinhas macabras” da pandemia<sup>5</sup> e desrespeito diante de tanta dor, doenças, mortes, desemprego e, principalmente, o que tem sido chamado de ‘romantização’ da pandemia. Afinal, na maioria dos países, principalmente no Brasil, o ‘ficar em casa’ escancarou a desigualdade econômica e social. De qual casa nos referimos ao pensar em trabalhadores cuja fonte de renda depende do ‘estar na rua’ tais como catadores de lixo, artesãos, camelôs e prostitutas? Motoristas de aplicativos e entregadores conhecidos como mototaxistas intensificaram o viver fora de casa e a sua exposição ao risco de contaminação. Não eram mais beliscadas, mas fortes ‘tapas-na-cara’ as repetidas imagens e notícias nas mídias sobre a desigualdade nas condições de saneamento e moradia durante a pandemia, acesso à tecnologia digital e equipamentos adequados para participação no ensino remoto e para inscrição em programas sociais, incluindo o Cadastro Único, dentre outros. Mas qual era a novidade?

Inúmeros dados e fatos, incessantemente noticiados, podem gerar diversificadas e inúmeras reações incluindo espanto, desânimo e paralisia e, também,

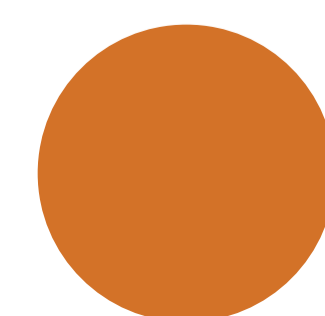
<sup>5</sup> Vide reflexão feita pela Profa. Dra. Valéria Cristina Lopes Wilke no podcast “Absurdos Quixotescos: Albert Camus e a Peste - Episódio 1” em 01/06/2020.



Para alguns, o gesto maior de resistência é a militância política ou o ativismo solidário, que procura centrar esforços na ação em favor das populações em maior situação de risco frente à doença. Para outros, a escrita acadêmica é em si mesma uma forma de resistência, um modo de fazer o pensamento permanecer, de mostrar a resiliência e a potência que o pensamento tem de nos forçar a pensar, como disse Gilles Deleuze. Uma forma de usar o pensamento crítico como ato que fortalece o presente e prepara para o futuro, ainda que incerto. (BONFIGLIOLI, 2020, s/p)

Incerta, titubeante, propus um “beliscar-me” para sair do estado de certa apatia inicial. Esse acordar do que parecia ser um pesadelo, foi lento e orientado pelo respeito e afeto. Na encruzilhada da arte que busca se aproximar da [con]vivência, vi-me diante de diferentes caminhos. Reli Conceição Evaristo; adaptei seu pensamento para aquele momento. A partir do que ela chama de “escrevivência”, palpito que desde então tenho tentado transitar, deslocar, peregrinar nas errâncias da ‘danconvivência’. Assim, compartilho esse texto escrito com o ‘corpo experiências (que ainda estão sendo) vividas’. Coloco-me corpo em movimento para abrir texturas, intercalando a escrita com pausas para poder melhor refletir, e como se fosse eu mesma um antigo papiro.

Descrevo um recorte das experiências artísticas vividas por mim nessa pandemia. A metodologia híbrida abraça



princípios da Prática como Pesquisa/PaR (HASEMAN, 2015) e autoetnografia (ELLIS; ADAMS, 2014). Procedimentos metodológicos para coleta de dados incluem a busca e seleção de trabalhos realizados durante o período de isolamento social e que estão postados nos acervos ou plataformas virtuais da Mosaico Cia de Dança, a saber: <[instagram.com/dancamosaico](https://www.instagram.com/dancamosaico)>, <[bit.ly/youtubeMosaico](https://www.youtube.com/channel/UCMosaico)>, <[facebook.com/dancamosaico](https://www.facebook.com/dancamosaico)>, e <<https://www.facebook.com/educacaoemartes.ufv>>. Reli, algumas vezes, o meu diário de bordo artístico. A própria escrita e reescrita narrativa e autobiográfica desse texto (CONNELLY; CLANDININ, 1995) são ferramentas para ampliar possibilidades de reflexões – mas admito que essas são ainda esparsas, superficiais, porque estou em/no processo ‘quarentênico’.

## **Pandemia 2**

Para realizar os dois primeiros trabalhos do início do confinamento social, revisei imagens que já tinha em meu arquivo de fotos e vídeos feitos antes da pandemia e que estavam armazenados em disco rígido do computador e em hds externos. Escolhi materiais que ainda não havia utilizado em trabalhos anteriores, ou seja, não tinha sido feito ainda a sua edição.<sup>6</sup> Ao analisar fotos e vídeos

<sup>6</sup> Sarah Ferrera (2020) explica que a edição envolve a criação de camadas tais como alteração na cor, sequência, velocidade, repetição de imagens, inclusão de som ambiente e/ou música, dentre outros aspectos.

busquei os que tinham alguma relação com o momento pandêmico que recém havia se iniciado no Brasil. Procurei contextualizar o que já havia feito em outros instantes, mas que de certa forma tinha conexões com o confinamento, caos político, doenças, mortes, angústia pela separação física que estávamos vivendo.

Para o primeiro trabalho, editei um vídeo de performance feita durante exposição no Centro Cultural Banco do Brasil/ CCBB no Rio de Janeiro em agosto de 2018, cidade para onde eu viajava com bastante frequência antes da pandemia. Como o tempo do ‘ficar em casa’ e da crise sanitária e política era algo que muito se ouvia e discutia no início da pandemia, uma pergunta em particular se fez frequente, “por quanto tempo (ficar em casa, esperar pela vacina, vou viver, ...) ?”. Esse foi o mote da obra “Tempos contemporâneos: a corrida agora é Contra o #corona”. A videodança foi postada <<https://www.instagram.com/p/B-DuI8khhzx/?igshid=mygfgofnigwr>> em 22/03/2020 no instragram da Mosaico. Na época da gravação original, estava em cartaz no CCBB/RJ a exposição “Mondrian e o Movimento De Stijl”. Tinha escolhido performar na frente do vídeo em que Stijl colocou em movimento uma das obras de Piet Mondrian com as cores da bandeira brasileira. As movimentações foram feitas comigo ora de lado, ora de costas e ora de frente para a obra de Stijl (figura 1).

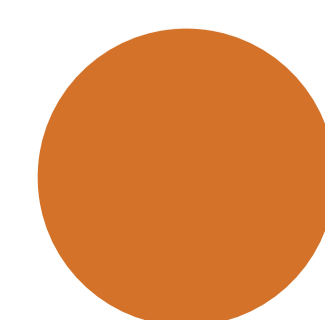






Fig. 01. Alba Vieira na videodança *Tempos contemporâneos: a corrida agora é contra o #corona*. 22/03/2020. Foto: Laina Vieira. Videostill.

No início da pandemia no nosso país, com o caos sanitário instaurado e o político agravado, o país se dividiu e alguns grupos passaram a sair em carreatas e passeatas, contrariando as normas de distanciamento e isolamento social que já vigorava em muitas cidades do Brasil. A maioria das pessoas vestiam roupas em tons de azul, verde e/ou amarelo, cores da nossa bandeira, ou empunhavam a própria bandeira brasileira. Provocando aglomerações, essas pessoas saíam às ruas em apoio ao presidente Jair Bolsonaro, que pregava o não isolamento e não fechamento de escolas e do comércio. As pessoas estavam divididas entre o que cientistas e médicos indicavam no mundo todo, manter ao máximo o isolamento social, e uma das primeiras afirmações públicas do presidente sobre a doença em 09/3/2020: “[...] o coronavírus [...] está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus”.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>

Ao rever o vídeo gravado em 2018, observei que suas imagens originais, se editadas, poderiam ser contextualizadas ao momento de incerteza (para onde nos mover? Em quem acreditar?) vivido, principalmente pelo excesso de *fake news*. Usei estratégias de fragmentação das cenas de movimento, corte seco e aceleração para salientar o estado de desorientação em que muitos brasileiros se encontravam.

Outra camada acrescentada na edição foi um trecho da famosa música do filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin. Esse filme foi feito na época em que a revolução industrial passou a ditar o tempo acelerado da máquina; já a vídeodança foi finalizada e postada em 22/03/2020, no tempo pandêmico que fez, segundo muitos, o mundo “parar”. O escritor indígena Ailton Krenak (2020) adverte: “E tomara que a sociedade que sobreviver ao ataque da pandemia do Coronavírus, que fez o mundo parar, não continue igual depois. [...] temos de parar de vender o amanhã.”<sup>8</sup> Há certo contraste ao usar uma mesma música em obras produzidas em diferentes tempos históricos, locais e contextos. Mas ao mesmo tempo, percebo algo comum: a geração intensa de capital, a busca incessante pelo lucro, e o alto estímulo ao consumismo como pano de fundo tanto na revolução industrial como na pandemia de 2020. Talvez esses sejam aspectos duma pandemia que tem

<sup>8</sup> <https://www.xapuri.info/sagrado-indigena/ailton-krenak-mundo-em-silencio/>

marcado a história da (des)humanidade, que contamina a todes, também em nível global, e cuja vacina ainda não foi criada.

A segunda obra, a perforgrafia “Água de lavar” (figura 2), foi feita logo após a primeira videodança, e motivada por uma atitude considerada essencial no combate ao vírus: higienização das mãos. Postada em 24/03/2020, também foi editada com imagens capturadas em performance realizada antes da pandemia (<https://www.instagram.com/p/B-l13jmBdvg/?igshid=1wjhhtmzsf68s>) nas margens das represas que abastecem Viçosa.

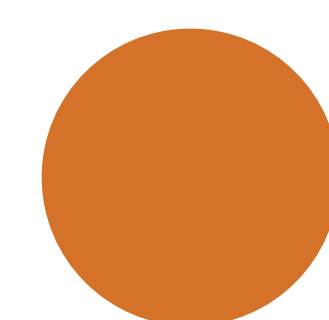


Fig. 02. Alba Vieira e Caio Fillype em perforgrafia *Água de lavar* gravada nas margens das represas da UFV/Viçosa, MG. Foto: Jamille Queiroz. 24/03/2020. Videostill.

Na época da gravação original, em 2015, nosso objetivo era problematizar mudanças climáticas do planeta devido a ações irresponsáveis como queimadas e desmatamentos criminosos, o que tem provocado diminuição no volume de água potável no planeta. Essa atitude egoísta, que Krenak alia ao antropoceno,<sup>9</sup> tem causado impactos ambientais em diversas locais, inclusive em Viçosa, que há cinco anos passou por um longo período de estiagem e crise hídrica, provocando problemas de abastecimento na cidade pela diminuição do volume de água e quase secagem das represas. Nunca imaginei que, tempos depois, usaria tais imagens para chamar a atenção das pessoas sobre a importância de lavar as mãos como uma das medidas sanitárias para evitar a contaminação pelo Novo Corona vírus. A descrição da videodança clama: “Lave muito as mãos nessa nossa luta Contra o #corona; breve vamos poder estar lá fora novamente; mas agora #fiqueemcasa”. Apesar do clima de esperança dessas palavras, o vídeo foi editado em preto e branco, pois as notícias ‘borbulhando’ (assim como o som inicial incluído na edição da obra) não eram nada animadores. Falta ou deficiência de saneamento básico, também fruto da desigualdade econômica, era revelada em notícias avassaladoras como “[...] 3 bilhões de pessoas, 40% da população global, não têm estrutura básica para lavar as mãos em suas casas.”<sup>10</sup>

<sup>9</sup> <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/ailton-krenak-e-a-busca-da-totalidade-cosmica/>

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://wribrasil.org.br/pt/blog/2020/04/como-combater-covid-19-sem-acesso->



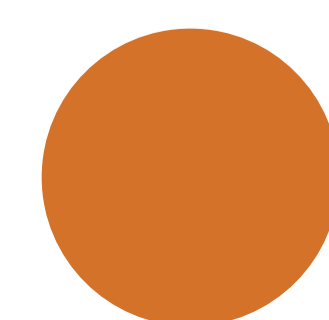
A vontade de me beliscar dessa vez veio pelo sentimento de impotência diante, novamente, da tamanha precariedade que é a realidade da população perversamente identificada como periférica, ou seja, a que vive nas ‘margens’ das cidades, e que não usufruiu de condições dignas de vivência. Moradores de subúrbios, favelas e comunidades com baixo poder aquisitivo, no Brasil e no mundo, não tem seguido adequadamente regras sanitárias básicas tais como lavar as mãos com frequência, usar álcool gel e máscaras, por problemas muito anteriores à COVID-19. Novidade? A maioria dessas mesmas pessoas também (sobre)vivem em casas pequenas em que há verdadeira aglomeração interna. Como manter o distanciamento social e, proteger a si e o outro, se “Casas com muitos moradores facilitam a contaminação e dificultam o isolamento”?<sup>11</sup> Como nos alerta Krenak (2020, s/p),<sup>12</sup>

estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdades entre povos e as sociedades. De modo que há uma sub-humanidade que vive uma grande miséria, sem chance de sair dela. Isso também foi naturalizado. O presidente da República disse outro dia que brasileiros vivem no esgoto. Esse tipo de mentalidade doente está dominando o planeta. E veja agora esse vírus, um organismo do planeta, [...].

agua-limpa> 09/04/2020. Acessado em 02 de agosto de 2020.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52032709>> 29/03/2020. Acessado em 02 de agosto de 2020.

<sup>12</sup> [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/04/03/interna\\_pensar,1135082/funcionamento-da-humanidade-entrou-em-crise-opina-ailton-krenak.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/04/03/interna_pensar,1135082/funcionamento-da-humanidade-entrou-em-crise-opina-ailton-krenak.shtml)



Se a falta de planejamento estatal e a atitude antropocênica têm agravado a crise sanitária, é fundamental lembrar que esse descaso, esse bater de ombros como a dizer “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”<sup>13</sup> existe há séculos. Como mencionei e reforço, não encontramos ainda a vacina para essa outra pandemia anciã, que parece contaminar muitos de nós. A ganância econômica gera uma atitude de descompromisso e falta de afeto com outros seres vivos. Esse aspecto está relacionado à suposta crença que certos indivíduos (privilegiados) estão imunes aos problemas sofridos pela coletividade. Esse ponto foi abordado por Camus, que soube refletir com profundidade sobre sua época e é considerado uma espécie de visionário, pois suas obras, incluindo A Peste, repercutem nos nossos dias: “Nossos concidadãos não eram mais culpados que os outros. Apenas se esqueciam de ser modestos e pensavam que tudo ainda era possível para eles, o que pressupunha que os flagelos eram impossíveis. Continuavam a fazer negócios, preparavam viagens [...]” (2017, p. 40). Tanto naquela época, como na atual, buscamos retornar à ‘normalidade’ – qual é essa, que nos trouxe até ‘aqui’? Belisco-me mais uma vez.

Senti que era hora de preparar outras ‘viagens’ artísticas mesmo não sendo recomendável sair de casa, nem tocar

<sup>13</sup> Afirmação do presidente Bolsonaro em 28/04/2020 ao ser questionado sobre o número crescente de mortos no Brasil pela COVID-19. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/29/e-dai-politicos-criticam-fala-de-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus.htm>. Acessado em 04 de agosto de 2020.

e muito menos dançar presencialmente com as pessoas. Vontade de criar trabalhos para intensificar relações afetivas possíveis com outros seres, de enriquecer a relação casa corpo somático e casa habitação, de movimentar pensamentos a partir das gestualidades e ações possíveis naquele momento. Ou seja, à distância. Via redes sociais, envolvi-me com um grupo de artistas que não conhecia, mas que estavam organizando o Sarau Virtual Culto do Amendoim. Agradou-me a possibilidade de interagir e trocar ideias com colegas que nunca tinha encontrado face a face e que buscavam, assim como eu, expandir as possibilidades de compartilhar e discutir criações artísticas pandêmicas.

Dentre as inúmeras obras autorais que estávamos compartilhando uns com os outros em um grupo de whatsapp, selecionei uma música instrumental criada e tocada por Ramon Materazzo, ilustrações/desenhos de Hiago Bezerra e trecho de um texto composto e narrado por Eliabe Vicente: “Espera mais um pouco, isso tudo vai passar. Tudo passa não é mesmo? Assim foi escrito, e assim vai ser. E o que não nos mata, tenha certeza, só vai nos fortalecer”. Dancei no jardim de casa buscando contato afetivo com a natureza. Do trabalho de edição surgiu a videodança “Rapadura de amendoim” ([https://www.instagram.com/p/B-SMGb\\_h2t0/?igshid=1r8ma51b4pl7b](https://www.instagram.com/p/B-SMGb_h2t0/?igshid=1r8ma51b4pl7b)) em que abusei da justaposição de imagens (figura 03) e da

fragmentação das sequências de movimento. A obra postada em 28/03/2020 foi acompanhada da seguinte descrição: “Na #quarentena Contra o #corona; breve vamos poder artistar e curtir arte lá fora novamente; mas agora #fiqueemcasa contra o #covid19”.

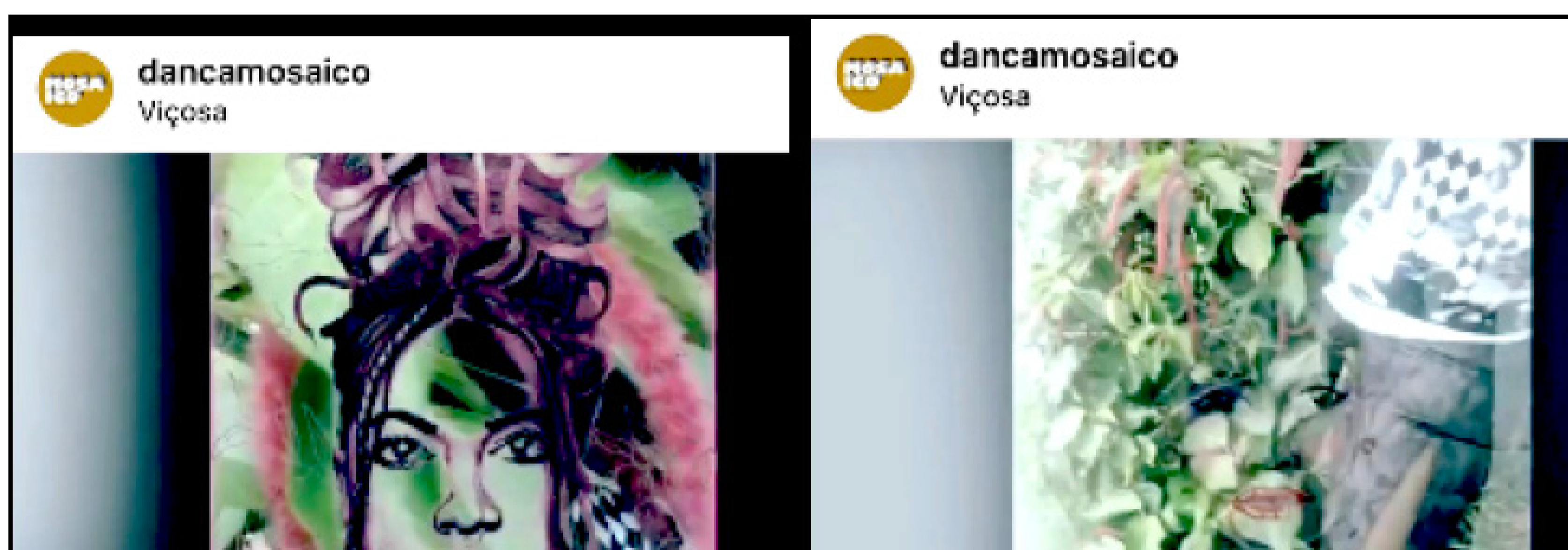


Fig. 03. Alba Vieira e desenho de Hiago Bezerra. Videodança *Rapadura de Amendoim*. Foto: Laina Vieira. 29/03/2020. Videostill.

Faço uma autocrítica ao rever tanto a minha descrição quanto o texto que selecionei: hoje percebo que ainda eu não tinha dimensão do que estava apenas começando. A guerra travada contra o vírus, invisível a olho nu, parecia que iria em breve terminar. Mas a guerra não tem sido somente contra a COVID-19, e continuo a me beliscar para acordar do pesadelo do vírus ancião. Vejo-me uma tola sonhadora, assim como escreveu Camus (2017):

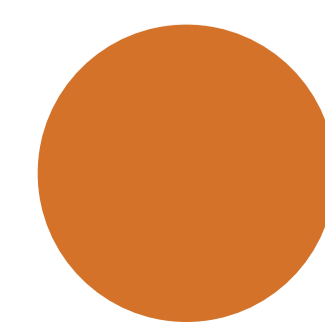
Quando estoura uma guerra, as pessoas dizem: “Não vai durar muito, seria estúpido.” Sem dúvida, uma guerra é uma



tolice, o que não a impede de durar. A tolice insiste sempre, e nós a compreenderíamos se não pensássemos sempre em nós. Nossos concidadãos, a esse respeito, eram como todo mundo: pensavam em si próprios. [...] O flagelo não está à altura do homem; diz-se então que o flagelo é irreal, que é um sonho mau que vai passar. Mas nem sempre ele passa e, de sonho mau em sonho mau, são os homens que passam, e os humanistas em primeiro lugar, pois não tomaram suas precauções. (p. 40).

Esse trecho me fez repensar a guerra viral, econômica e política e suas contradições. Ao mesmo tempo que era/é necessário o distanciamento para evitar o contágio, enquanto muito dos estadistas do mundo inteiro passaram a ditar normas sanitárias de isolamento social (vide Portugal, França e Itália, por exemplo), no Brasil a interferência do estado era no sentido de liberar o trânsito social para todos que não eram do grupo de risco, idosos e doentes. Na Europa, houve alertas de filósofos tais como o italiano Giorgio Agamben (2020) e o alemão Peter Sloterdijk (2020)<sup>14</sup> para o excesso de vigilância dos cidadãos. Agamben se fundamentou e analisou relatórios do *Consiglio Nazionale delle Ricerche* que apontava que 4% dos infectados pela COVID-19 deveriam ser hospitalizados e que, como disse Bolsonaro, os demais teriam apenas uma gripe leve. Ao defender suas reflexões anteriores, relacionadas à biopolítica, Agamben entendeu que havia

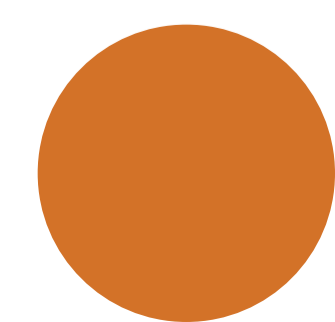
<sup>14</sup> Entrevista publicada em: <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-05-09/peter-sloterdijk-o-regresso-a-frivolidade-nao-vai-ser-facil.html>>. Acesso em 10 set 2020.



excesso de autoritarismo nas estratégias de emergência implementadas pelo governo italiano. A epidemia viera ‘a calhar’ para ampliar a vigilância social. Solterdijk também comentou que depositar no ‘estado forte’ o poder absoluto e única possibilidade para solucionar problemas é algo complexo. Podemos estar delegando aos estadistas em exercício decisões sobre nossas demandas democráticas? Aonde começa e termina a consciência individual e coletiva? Quais são possíveis e desejáveis relações entre bioética e biopolítica?

Perguntas potentes que evidenciam realidades tão díspares. A COVID-19 reforçou essas diferenças. Aos poucos, foi ‘caindo a ficha’ que casa corpo somático ansiava, exponencialmente, por se contaminar em novas criações com outras pessoas, e casa habitação seria meu espaço performático por mais tempo que eu havia imaginado. Convidei então a última pessoa com quem havia apresentado uma performance ao vivo, antes da quarentena, a dançar comigo via mediação tecnológica.

Em 12/03/2020, eu havia viajado ao Rio de Janeiro à convite da produtora do Sarau Multicultural, para apresentar a performance “Horas quase Perigosas” no Palco Lapa. Minutos antes da performance, houve um encontro inusitado e potente. O artista colombiano Júlio Cabarcas López iria apresentar um trabalho musical autoral no evento. Conversa



rápida. Ele topou performar comigo, tocar sua flauta e recitar o poema de Clarice Lispector “O Dançarino hindu”, que inspirava meu trabalho, enquanto eu dançava. Júlio já morava no Rio há alguns meses antes da pandemia.

A sintonia entre nós no Palco Lapa foi muito comentada por quem apreciou nossa performance. ‘UAU!’. Potências do acaso e da sintonia corporal presencial. Artistas presentes que nos assistiram comentaram que deveríamos ter ensaiado muito antes. O que não aconteceu. Potência de encontros imprevisíveis.

Mesmo contra sua vontade, sentindo-se mais seguro em seu país, ele viajou uma semana depois dessa performance de volta para sua casa habitação colombiana. Lá teria, pelo menos, condições mais favoráveis de acesso a cuidados médicos caso necessitasse. Nós continuamos o contato, via whatsapp, na quarentena. Propus à Júlio fazermos uma videodança juntas. Muitas mensagens cá e lá e Júlio ficou a cargo do trabalho de edição.

Decidimos primeiro postar um vídeo do trabalho em processo para termos feedback de se, como e para onde prosseguir. A obra que estávamos criando, “Redescobrimo nossa casa”, ou “Regresso a casa donde soy,” foi compartilhada no instagram e youtube em 30/03/2020: [https://www.instagram.com/p/B-XIWyPB-Jn/?igshid=w"xik8t6qawvl](https://www.instagram.com/p/B-XIWyPB-Jn/?igshid=w). Na

descrição das postagens, pedimos comentários, críticas, sugestões antes de avançarmos: “trabalho em progresso; dê-nos seu feedback nesse pequeno trecho de um videoarte que estamos fazendo remotamente;” (figura 4).

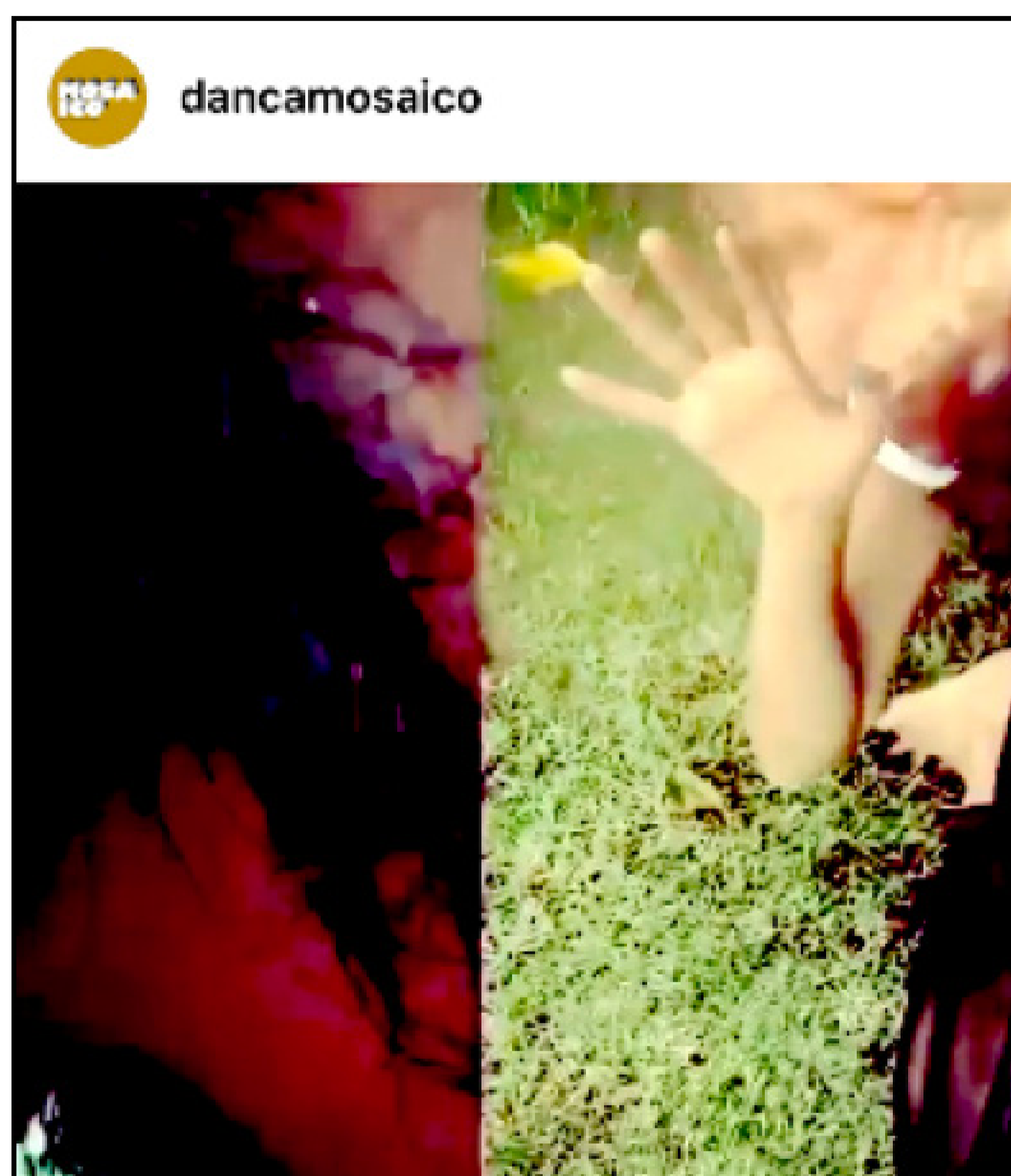


Fig. 04. Bigode de Júlio Cabarcas López e mãos de Alba Vieira em evidência no trabalho em progresso, *Redescobrimo nossa casa*, ou *Regresso a casa donde soy*. Foto em Viçosa, MG: Laina Vieira. 30/03/2020. Videostill.

Após vários feedbacks recebidos, e mensagens de whatsapp com reflexões existenciais entre ele e eu, Júlio finalizou esta etapa de edição da nossa obra conjunta feita no espaço e tempo virtual (figura 5).

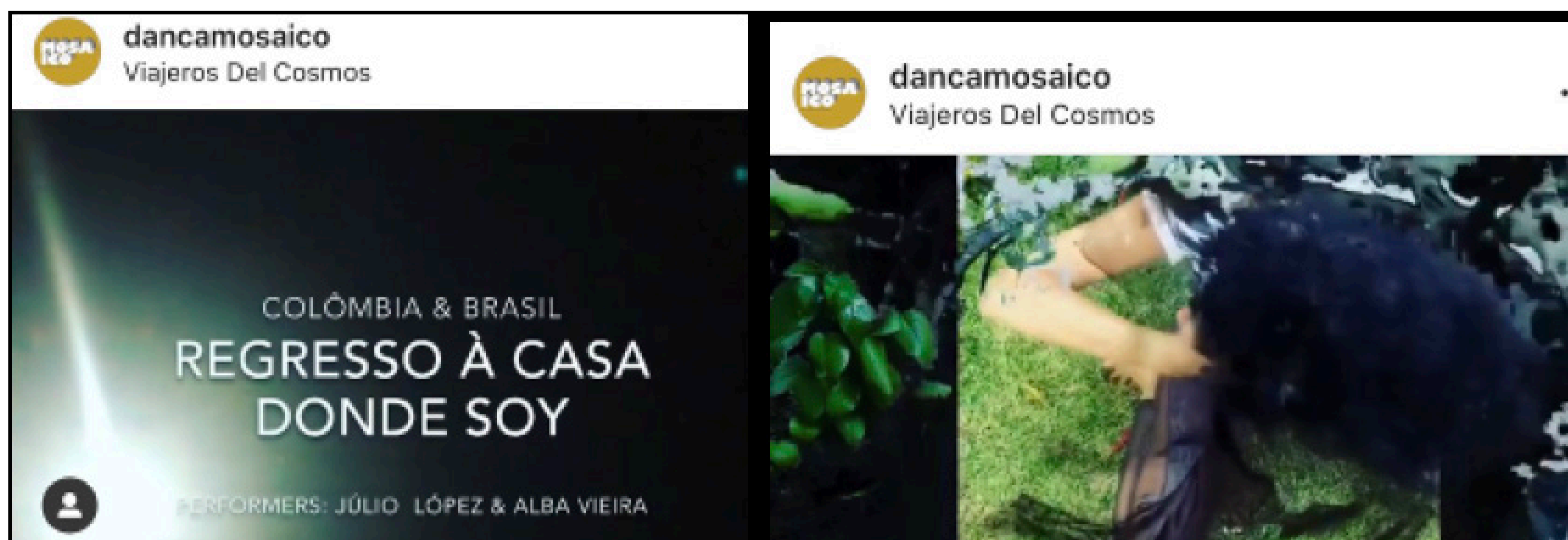


Fig. 05. Crédito da videodança à esquerda e cena da obra à direita: cabelo de Júlio Cabarcas López e coxa e braço de Alba Vieira se fundem. *Redescobrimo nossa casa, ou Regresso a casa donde soy*. Foto em Viçosa, MG: Laina Vieira. 31/03/2020. Videostill.

## A descrição postada:

com os pés na terra  
 retorno al lugar donde todo me compone  
 Volto para minha casa para morar  
 Volto ao que vive em mim  
 Yo habito o desabitado em mim  
 habitando o desabitado em mim

Resolvemos misturar na descrição português e espanhol. Na edição feita por Júlio, meu corpo se mistura à natureza e ao corpo dele. Humanidade. Tempo de colheita. Ou de semear? Ou de cultivar, regar? Tempo de nutrir afetos. Krenak (2019) auxilia o entendimento da lógica usada na edição: é impossível pensar em humanidade como algo

separado da natureza, e da interdependência entre todos seres vivos.

Fizemos várias outras reedições desse vídeo. A poetisa Rubermária Sperandio compôs dois poemas especialmente para a videodança, “Da janela” e “A batida”. Na próxima rodada de edição, feita por Alba, a videodança Regresso a casa donde soy foi então, desdobrada e sintetizada em videodanças mais curtas: (1) “Água”, editada dessa vez com justaposição de vídeos gravados em Fernando de Noronha antes da pandemia e com a inserção do poema “A batida” (figura 6), e postado em 19 de julho de 2020; vide a obra no instagram <https://www.instagram.com/tv/CC1GEVzhhjn/?igshid=1x6rmdqu1l37p> ; (2) “Tierra” agora com outra trilha musical de origem afro, “Awamanba”, em homenagem ao movimento “vidas negras importam” (figura 7); postado em 12 de julho de 2020, vide a obra em <https://www.instagram.com/p/CCitgORBexH/?igshid=a1lxa2p1rblu>

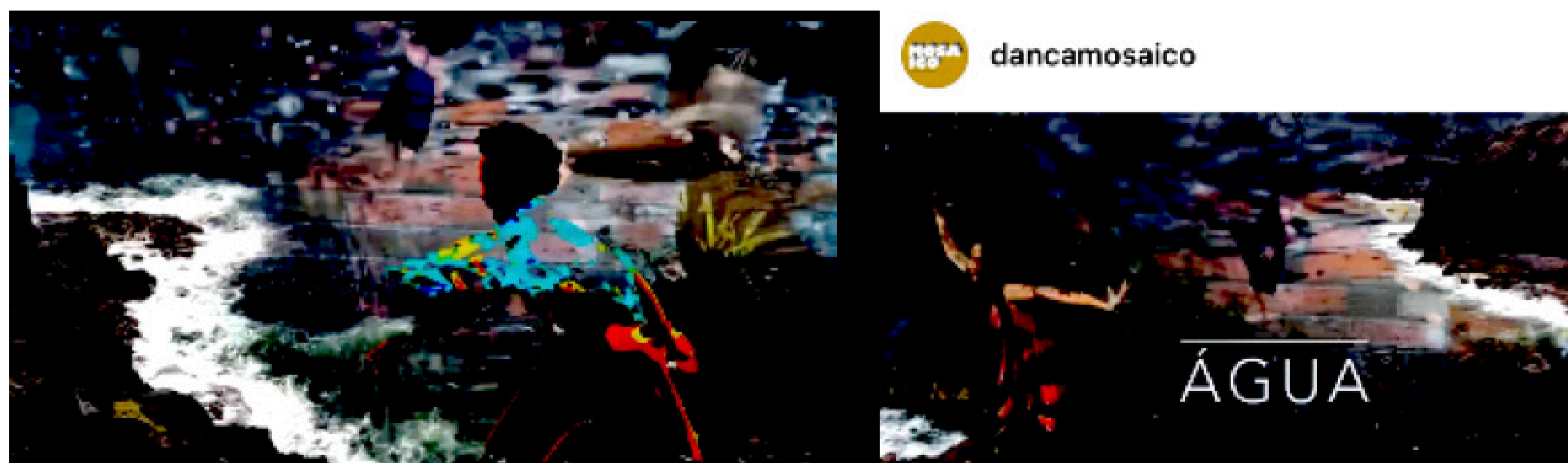
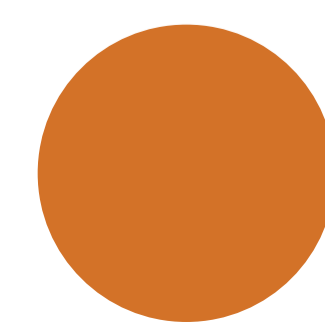


Fig. 06. Júlio Cabarcas López, Alba Vieira e imagens de Fernando de Noronha à esquerda. Crédito da videodança à direita. Foto em Viçosa, MG: Laina Vieira. 19/07/2020. Videostill.

Descrição da postagem:

*“Água” é parte do projeto de distanciamento social pela pandemia/Covid19. A Mosaico Cia de Dança Contemporânea tem promovido intercâmbios artísticos entre performers de diferentes localidades (cidades, estados e até países). A partir de suas respectivas casas, Alba Vieira (Viçosa, MG) e Júlio Cabarcas López (Barranquilla, Colômbia) conceberam a ideia, elaboraram o roteiro, e os vídeos das danças foram gravados e compartilhados entre Alba e Júlio. A escritora Rubermaria Sperandio compôs o poema “A batida” a partir das imagens das performances corporais. Os materiais audiovisuais foram editados, edições refeitas e sobrepostas, adicionados novos materiais: imagens de Fernando de Noronha feitas por Alba antes da pandemia. Narração: Rubermaria Sperandio e Tchello D’barros. A pesquisa artística teve colaboração de Flávia B. Marques; Júlio e Alba editaram e performaram. Com essa obra, os artistas se inspiraram e homenagearam a água, que é parte majoritária no planeta terra e em nós.*

*Somos água.*



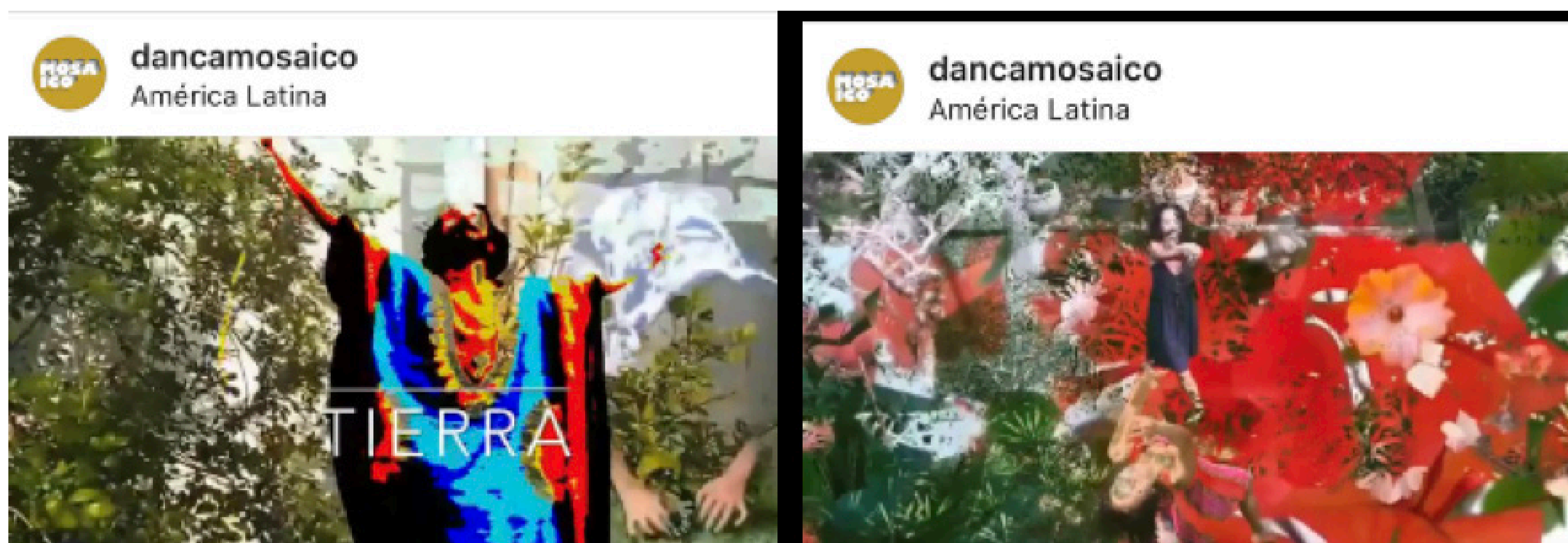


Fig. 06. Júlio Cabarcas López e Alba Vieira, com Crédito da videodança *Tierra* à esquerda. Alba Vieira com sobreposição de imagens de flores da casa de Júlio à direita. Foto em Viçosa, MG: Laina Vieira. 12/07/2020. Videostill.

### Descrição da postagem:

*“Tierra” é parte do projeto de distanciamento social pela pandemia/Covid19. A Mosaico Cia de Dança Contemporânea tem promovido intercâmbios artísticos entre performers de diferentes localidades (cidades, estados e até países). A partir de suas respectivas casas, Alba Vieira (Viçosa, MG) e Júlio Cabarcas López (Barranquilla, Colômbia) conceberam a ideia, elaboraram o roteiro, e os vídeos das danças foram gravados e compartilhados entre Alba e Júlio. Os materiais audiovisuais foram editados, edições refeitas e sobrepostas, adicionados novos materiais. A pesquisa artística teve colaboração de Flávia B. Marques; Júlio e Alba editaram e performaram, e a música é*



*Awamamba de A. M. Beef (trilha branca). Com essa obra, os artistas se inspiraram e homenagearam nossa casa compartilhada, a terra.*

### **Pandemia 3, 4, 5, ... 1.000, 2.000, 1.000.000, ???, ...**

A obra *Retorno a casa donde soy* deu o pontapé inicial para várias outras videodanças que fiz, convidando pessoas de diferentes locais do Brasil de outros países a dançarem comigo. Esses trabalhos artísticos pandêmicos foram uma busca por estabelecer relações possíveis de afeto nesse estado de pandemia. A análise desses trabalhos ficará para outra escrita. Belisco-me ainda para aguçar a vontade de embrenhar em estágios aprofundadas de reflexão sobre as obras apresentadas nesse texto, bem como as demais que não apresentei, e as que ainda farei na pandemia (e fora dela) a partir da potência da dança, da arte.

Reli Camus no início da pandemia e continuo relendo. Com ele vou tentando compreender relações vida-morte, o nosso presente e nosso devir. Sigo titubeando, com arte, corpo dançante, corpo somático, corpo experiência vivida, e casa corpo na casa habitação. A razão mental e a ciência ‘dura’ demonstraram nessa pandemia não dar conta da imprevisibilidade que é o dia após dia. Ainda bem.



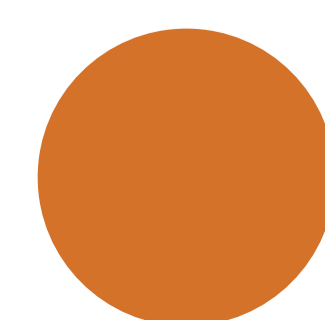
Caminho tateando. Há sonhos, há pesadelos. Belisco final: uma possível adaptação da frase de Camus (1989, p. 76): “É preciso imaginar Sísifo[s] feliz”. Como seria vivenciar cada momento no seu e no máximo de outros seres?

**Agradecimentos:** Flávia Brassarola Borsani Marques, que tem abraçado o projeto da Mosaico Cia de Dança há alguns anos, em especial o projeto de intercâmbio artístico virtual durante a pandemia; Caio Fillype, que tem compartilhado experiências de ‘busca errante’ comigo na Mosaico desde 2015; Rubermaria Sperandio e Tchello de B’arros, poetas e colegas parceiros; Laina e Rogério Vieira, que gravaram alguns vídeos em casa no período inicial da pandemia.

## **\_\_REFERÊNCIAS**

AGAMBEN, G. **Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

BONFIGLIOLI, C. A academia em tempos de pandemia. **Prometeica - Revista De Filosofía Y Ciencias**. 21 Agosto de 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/prometeica/article/view/11099/7920>>. Acessado em 31



de agosto de 2020.

CAMUS, A. **A peste**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

\_\_\_\_\_. **Estado de sítio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Editorial Laertes, p.15-59, 1995.

ELLIS, C.; ADAMS, T. E. (2014). The purposes, practices, and principles of autoethnographic research. In: L. Patricia (Ed.), **The Oxford handbook of qualitative research**. New York, NY: Oxford University Press, pp. 254- 276, 2014.

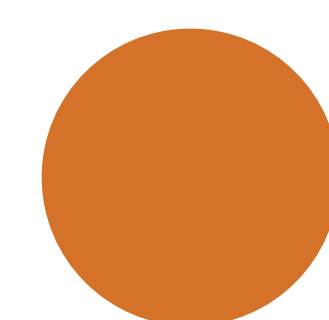
EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: UFPB, Ideia/Editora Universitária, pp. 201-212, 2005.

HASEMAN, B.. Manifesto pela Pesquisa Performativa. **Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP**. São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015, p. 41-53.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

van MANEN, M.. **Researching lived experience: Human science for an action sensitive pedagogy** (2nd ed). Toronto: Transcontinental Printing Inc., 1997.

WILKE, V. C. L. **Fala no Podcast: Absurdos Quixotescos: Albert Camus e a Peste – Episódio 1**. Disponível em <<https://anchor.fm/absurdo-quixotesco/episodes/Albert-Camus-e-a-Peste---Epiddio-1-ee9d3>>. 1 Junho de 2020. Acessado em 22 de agosto de 2020.





**PPG-Artes da Cena**  
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena  
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

